

TODOS ESTÃO SUJEITOS À LEI DO KARMA

Data: 09/03/2005- Ocasião: manhã de encerramento do Mahashivaratri¹ - Local: Prasanthi Nilayam

Todos precisam enfrentar as conseqüências de seu próprio karma. Quem fez os morcegos viverem pendurados nos galhos das árvores, de cabeça para baixo? É o destino deles. Do mesmo modo, ninguém pode escapar das conseqüências do karma.

(Poema em Télugo)

Todo ser humano, inseto, pássaro, fera ou animal, todo ser vivo neste mundo está sujeito ao destino. Ninguém pode escapar do resultado dos *karmas* bons ou ruins. É natural que os seres vivos obedeçam às leis da natureza e à lei do *karma*. Por exemplo, o morcego se pendura de cabeça para baixo num galho de árvore por que isso faz parte da sua natureza. Ele nasceu para viver assim. Cada ser humano neste mundo pensa que está passando por sofrimentos sem que tenha feito mal algum. Ele sente: “Eu não fiz nada de errado! Porque, então, estou passando por este sofrimento?” A verdade, porém, é bem diversa. Qualquer prazer ou dor experimentado por um ser vivo é, com certeza, o resultado das ações que praticou. Todo ser humano executa *karma* e colhe o fruto de sua conseqüência. Entretanto, até hoje não ficou claro para ele se isto ocorre como conseqüência natural de suas ações, ou por alguma outra razão desconhecida. Isto não ocorre somente aos seres humanos: até as bactérias, pássaros, insetos e animais experimentam as conseqüências de seu *karma*.

Para ilustrar essa lei inevitável do *karma*, gostaria de narrar alguns incidentes que aconteceram há muitos anos. Eles explicam como certos nascimentos vieram a ocorrer, só para exemplificar a verdade do *karma*. Havia em Puttaparthi uma grande devota de nome Subbamma. Ela era muito rica e sem filhos. Costumava doar, caridosamente, tudo que possuía, com o sentimento: “Eu só estou compartilhando com os meus irmãos a riqueza que Deus me deu.” Ela levava uma vida piedosa e nobre, com senso de equanimidade. Entretanto, nutria um desejo e costumava orar: “Swami! No instante de minha partida deste mundo, venha saciar a minha sede derramando algumas gotas d’água em minha boca com Suas Divinas Mãos.” Eu prometi a ela que atenderia ao seu desejo. Seis anos depois de haver feito essa promessa, tive de ir para Chennai, atendendo a um compromisso em casa de um devoto. Foi na época da Segunda Guerra Mundial. Uma vez a cada hora, havia um exercício de proteção contra ataques aéreos: uma sirene tocava e as ruas se esvaziavam quase que imediatamente. Eu permaneci ali por três dias e fiz a minha viagem de volta de carro, direto para Bukkapatnam, saindo de Chennai. Nesse meio tempo, Subbamma caiu seriamente doente e foi levada de Puttaparthi para Bukkapatnam, onde ficava a casa de seus pais. Ali ela morreu. Seu parentes começaram a comentar de forma sarcástica: “Sai Baba deu sua palavra de que daria água a ela em seus últimos momentos. Cadê ele? Para onde foi?” Os irmãos e outros parentes de Subbamma fizeram todos os preparativos para a cremação de seu corpo. Naqueles dias não era fácil achar lenha para cremar um cadáver, especialmente nos vilarejos. Apesar disto, eles reuniram alguma madeira e conseguiram terminar os preparativos. Ao passar pela casa de Subbamma, reparei nas várias pessoas reunidas ali e perguntei: “Quem vai ser cremado?” Um conhecido que estava lá, respondeu: “Swami! Subbamma morreu.” Eu continuei, dizendo: “Sério? E quando foi isso?” “Três dias atrás, Swami,” respondeu ele. Entrei na casa, na qual o corpo estava sendo mantido. Seus parentes estavam a ponto de levá-lo para a cremação. A irmã dela me viu e começou a chorar, dizendo: “Baba! Ela esperou por sua chegada. Queria que você derramasse água em sua boca antes de dar o último suspiro. Afinal, ela morreu sem ter seu último desejo satisfeito.” Eu lhe disse que não havia possibilidade disso acontecer e pedi um copo com água. Coloquei uma folha de manjerição na água e removi o véu que cobria seu rosto. As formigas caminhavam por todo o corpo. Gentilmente, chamei por ela: “Subbamma!” Ela abriu os olhos e me viu. Segurou minhas mãos e chorou, perguntando: “Quando você chegou, Swami?” Respondi: “Nesse instante.” Enxuguei suas lágrimas gentilmente com uma toalha e disse: “Subbamma! Tome” e derramei algumas gotas de água consagrada em sua boca, dizendo: “Agora, feche os olhos em paz.” Subbamma bebeu água de minhas mãos e deu seu último suspiro. Deste modo, cumpri o que lhe havia prometido. Enquanto esse estranho fenômeno ocorria, todos os seus parentes e os médicos que a atenderam assistiam assombrados. “Como pode!

¹ Contexto do Discurso: Discurso de encerramento do Mahashivaratri. É uma ocasião em que Swami costuma demonstrar Sua Alegria pelas pessoas que conseguiram permanecer em vigília ali no salão, durante toda a noite. Veja também os dois discursos do dia 08/03, que marcam o início do festival.

Subbamma está morta há três dias! Não havia vida em seu corpo. Como ela pode abrir os olhos e falar com Swami? Deve ser um milagre divino de Sai Baba.”

Durante sua vida, Subbamma vivia preocupada de ver Swami sempre viajando em visita a outros lugares, porque pensava que, talvez seu último desejo não pudesse ser satisfeito. Entretanto, Eu mantive a Minha promessa feita a ela muito tempo antes. No final, o corpo sem vida de Subbamma foi cremado por seus parentes, conforme o costume familiar. Ela era uma senhora brâmane².

Eu continuei a minha jornada para Puttaparathi. Um carro de boi foi mantido pronto, aguardando o meu retorno. Sentei-me no carro junto com o meu tio, irmão de minha mãe Eswaramma. Seu nome era Chandramouli. Reparámos a fumaça que emanava do campo crematório, onde os restos mortais de Subbamma eram oferecidos às chamas. Chandramouli perguntou: “Swami! Você esteve até agora ao lado do corpo sem vida de Subbamma. Porque não esperou até o término da cremação?” Eu respondi: “Chandramouli! Não sou pessoa de faltar com a palavra empenhada. Prometi a Subbamma que estaria ao seu lado em seus últimos momentos e que colocaria água em sua boca. Isto eu cumpri. Aconselhei que ela partisse desse mundo pacificamente. Mantive minha promessa e agora estou retornando à minha casa.” Ele se sentiu muito feliz. De fato, Subbamma era muito estimada por todos na vila. Ela era a líder do vilarejo, sendo a esposa do *Karanam*³. Todas as propriedades da vila estavam em seu nome. Porém, desde que ela se colocou sob a proteção de Swami, não teve mais nenhum interesse na vida. Desde o amanhecer até a hora dela se recolher para dormir, estava constante e exclusivamente engajada no serviço a Swami. Em certas ocasiões, eu costumava me retirar para as cavernas das colinas próximas sem informar a ela. Pobre mulher! Ela saía a perambular pelos morros à minha procura. Empacotava e levava consigo uma série de guloseimas indianas para me dar: *upma, dosa, vada, idli*, etc. Afinal, quando conseguia me encontrar, eu perguntava, provocando-a: “Subbamma! O quê você trouxe para mim?” “Eu trouxe as coisas que você gosta, Swami,” respondia ela. “Me dá uma *dosa*,” eu pedia. Então, ela me servia a comida em um prato. Eu brincava um pouco mais com ela, dizendo: “Não gostei desse *dosa*. Me dá o *idli, upma, vada*” e assim por diante. Coitada! Ela me servia tudo aquilo. De manhã até a noite ela ficava preparando coisas e esperando por mim. Ainda assim, ficava ansiosa por saber o que mais eu poderia precisar. Certo dia eu lhe disse: “Subbamma! Não precisa se preocupar. Eu não preciso de nada. Só me dirigi a você, pedindo isto e aquilo, a fim de que a sua devoção pudesse ser conhecida por todo o mundo.” Então, ela me pediu: “Swami! Fico feliz de ser capaz de servir comida a você⁴ e, também, de saber que come essas coisas por amor e afeição a mim. Eu ficaria muito contente se você pusesse um pouco dessa comida em minha boca.” Então, peguei do prato um pouquinho de *idli* com molho *chutney* e coloquei em sua boca. Ela ficou extremamente feliz.

Desta maneira, Subbamma experimentou muita bem-aventurança na Divina companhia de Swami até o seu último suspiro. Chandramouli, que testemunhou o derramamento do Meu Amor e Graça sobre Subbamma tantas vezes, observou: “Swami! Quanta compaixão você tem pelos devotos! Não temos palavras para expressar Seu amor e compaixão por eles, especialmente por Subbamma.” É verdade. As palavras são insuficientes para descrever o amor e a compaixão de Swami por Subbamma. A devoção dela por Swami era maior até do que a de Prahlada⁵.

Depois que todos souberam que Swami havia cumprido a promessa dada a Subbamma, concluíram que sua vida fora santificada. Seguindo seu exemplo, muitas pessoas idosas passaram a me visitar com o pedido: “Swami! Por favor, dê a Sua Palavra de que derramará água santificada em minha boca, com Suas Mãos Divinas, no momento de minha partida deste mundo.” Eu lhes dizia: “Meus queridos! Nem todas as pessoas podem conseguir essa grande bênção. Se estiverem destinados a obtê-la, ela certamente acontecerá. Eu chegarei no instante apropriado e derramarei água santificada em sua boca.”

² Casta dos sacerdotes, professores e eruditos.

³ Talvez uma espécie de latifundiário ou, mesmo, um curador (o título, em Sânscrito, pode significar *agente*). Swami explica, em seguida, essa condição do marido de Subbamma.

⁴ É um fato registrado na Biografia de Sathya Sai Baba que ele, quando pequeno, recusava o alimento servido em sua casa por conter carne, preferindo ir alimentar-se na casa de Subbamma que era brâmane e, portanto, vegetariana. Seus pais ficavam muito constrangidos por serem da casta Kshatriya, a casta dos guerreiros (daí o hábito de comer carne) e porque esse relacionamento íntimo entre castas não era considerado conveniente. Apesar disto, Swami continuou a abençoá-la com essa deferência especial, que ela graciosamente assumiu, a ponto de ser a primeira pessoa a cuidar sistematicamente do bem estar dos visitantes de Swami em termos de alimentação e pousada, sendo a responsável direta por cozinhar para eles e, também, por construir os primeiros abrigos para devotos e o primeiro Salão de Darshan.

⁵ Essa declaração dá uma medida da enorme devoção de Subbamma, porque Prahlada é simplesmente considerado um exemplo de devoto ideal e de entrega total a Deus. Sua história consta da Escritura Srimad Bhagavatam e todos os estudantes Sai a conhecem de cor, por tratar-se de um menino como eles, servindo-lhes de modelo.

Kondama Raju⁶ costumava observar aquelas pessoas procurando Swami com esses pedidos e também desenvolveu um desejo por essa graça. Certo dia ele me procurou com o pedido: “Swami! Você nasceu em nossa família, em nossa linhagem, honrando-a e glorificando-a. Ainda assim, eu tenho um pedido a fazer. Eu desejo e rezo para que o meu nascimento em nossa família seja santificado. Por isso, peço a você que me conceda a graça de derramar algumas gotas de água santificada em minha boca, com Suas Divinas Mãos, durante meus últimos momentos de vida.” Eu lhe garanti que atenderia àquele pedido e ele ficou muito feliz, pois sabia que uma vez que Swami dera a sua palavra, iria cumpri-la com certeza. Ele viveu até os 112 anos. Todas as manhãs, caminhava desde a vila até o Novo Mandir⁷ para ter o Meu *Darshan*. Certo dia eu lhe perguntei: “Porque você caminha toda essa extensão, desde a vila até o Mandir e vice-versa. Pode haver gado solto pelo caminho e, se o atacarem, você pode cair e se machucar, certo?” Ele então me respondeu corajosamente: “Swami! Se você está constantemente do meu lado e me protegendo, qual animal seria capaz de me atacar?” Um dia, ele veio muito cedo pela manhã a fim de ter o meu *Darshan* e voltou à casa para se deitar. Passado algum tempo, pediu a Eswaramma que fosse até o templo de Sathyabama⁸ para ver se Swami estava vindo nessa direção. Ela foi e voltou dizendo: “Sim! Swami está vindo para cá em seu carro.” Swami tinha um carro pequeno. Kondama Raju disse: “Eswaramma! Pegue um copo d’água e coloque uma folha de Tulasi⁹ dentro dele.” Ela fez conforme pedido e ele ficou segurando o copo, esperando por mim. Ele sabia que seu fim estava próximo e que eu estava vindo para cumprir a minha promessa. Ninguém mais sabia disto. Segurando o copo, ele disse: “Swami! Estou pronto.” Eu respondi: “Eu também estou.” Enquanto eu derramava a água em sua boca, ele deixava o corpo pacificamente. Antes de falecer ele disse: “Que grande sorte é poder beber água de Suas Mãos Divinas antes de partir deste mundo! Nem mesmo o Rei Dasaratha¹⁰, que realizou grandes penitências e sacrifícios teve essa sorte. Minha vida está redimida.” Assim dizendo, ele fechou seus olhos. A partir desse incidente com Kondama Raju, foi mais uma vez revelado ao mundo que Swami certamente cumpriria a sua palavra a qualquer custo! As vidas de Subbamma e de Kondama Raju foram redimidas desta maneira. Eu manifesto Meus Jogos Divinos de muitas formas para cumprir com a Minha Palavra. Vou até onde for preciso para cumprir a Minha Promessa. Ao contrário, alguns devotos agem em desacordo com sua palavra empenhada.

Quando fui para Kamalapuram para continuar com meus estudos, o irmão mais velho deste corpo, Seshama Raju insistiu muito em que eu deveria me formar num curso superior. Por isso, levou-me consigo para Kamalapuram e me matriculou numa escola. Naquela época eu tive muita dificuldade de prosseguir com os estudos por falta de dinheiro. Muitas vezes tive que me virar sem dinheiro. Por isso, fazia uso constante de minhas habilidades poéticas para ganhar algumas moedas, a fim de atender às minhas necessidades pessoais. Na mesma vila, havia um negociante chamado Kote Subbanna. Ele tinha um armazém que vendia alguns remédios Ayurvédicos. Certo dia, surgiu um remédio Ayurvédico chamado “Bala Bhaskara” que foi posto à venda na sua loja. Era novo e muito eficiente. Poderia render-lhe muito dinheiro se fosse popularizado. Para esse fim, ele me deu a responsabilidade de fazer propaganda do novo produto. Eu concordei e pedi mais informações sobre o medicamento. Depois, compus uma canção sobre a sua eficácia e reuni algumas crianças de minha idade para percorrerem os vilarejos vizinhos levando cartazes e cantando a canção composta por mim. Ela era assim:

*Chegou! Chegou! Venham, crianças! Venham ver!
O remédio Bala Bhaskara;
Dor de estômago ou perna machucada;
Dor nas juntas, flatulência;
Não importa a doença, conhecida ou desconhecida;
Tome Bala Bhaskara para uma cura instantânea!
Se querem saber onde encontrá-lo,*

⁶ Avô de Sathya Sai Baba.

⁷ Provavelmente Baba está se referindo ao templo de Prasanthi Nilayam, uma vez que o que se conhece como “velho Mandir” é um salão situado na vila de Puttaparthi, bem próximo da casa de Baba, construído por Subbamma (veja a nota 4). No centro de onde hoje se ergue o Salão Sai Kulwant, está o Mandir citado, uma construção que já esteve ao ar livre no passado.

⁸ Templo que se situa a meio caminho entre a casa da família de Baba e o Novo Mandir citado por Swami (atualmente, Prasanthi Nilayam), onde Ele residia.

⁹ Planta conhecida por aqui como manjerição. Seu nome científico é *Ocimum Sanctum*. É uma das plantas mais sagradas da Índia por ser ligada a Krishna. Existe em praticamente toda casa e recebe adoração diária. Suas folhas são usadas de diversas formas, como alimento e no preparo de medicamentos, na medicina Ayurvédica.

¹⁰ Pai terreno do Avatar Rama e rei de Ayodhya. Obrigado a desterrar Rama para cumprir a palavra empenhada, ele morreu de desgosto sem ter Seu Divino Filho a seu lado para lhe ministrar esse último sacramento hindu.

*É na loja de Kote Subbanna;
Lá vocês podem comprar.
Venham meninos! É um tônico excelente!
Feito pelo famoso médico Gopalacharya em pessoa.
Venham meninos! Venham!*

(Canção em Télugo)

Quando completamos o passeio pelas vilas com nossa propaganda ambulante, todo o estoque de medicamentos da loja de Subbanna havia sido vendido. Ele ficou muito satisfeito e me ofereceu um calção e uma camisa. Eu recusei categoricamente, dizendo: “Subbanna! Eu não compus a canção em troca de roupas novas. Não preciso delas e não vou usá-las. Por favor, receba-as de volta. Se você oferecer dinheiro ou artigos em troca de meus serviços, eu nem sequer pisarei na sua loja novamente.” Ele reconheceu minha sinceridade e firmeza de sentimentos. Daquele momento em diante ele costumava dizer: “Raju! Eu não quero mais nada neste mundo, a não ser o seu amor.”

Outro incidente aconteceu enquanto eu estava estudando em Kamalapuram. Fui participar de um acampamento escoteiro em uma vila vizinha chamada Pushpagiri, onde uma grande feira estava sendo realizada. Estive longe de casa por alguns dias e não havia ninguém para pegar água de um poço distante, a fim de atender às necessidades domésticas. Por isso, a esposa de Seshama Raju teve que assumir aquela responsabilidade. Quando retornei do acampamento, Seshama Raju estava zangado porque não havia ninguém em casa para ajudar sua esposa. Ele estava desenhando linhas em um caderno com a ajuda de uma régua de madeira quando me viu e gritou: “Ei! Venha cá. Não tinha ninguém em casa para buscar água nos últimos dias. Sua cunhada teve que acrescentar esse trabalho aos seus afazeres domésticos normais.” Assim dizendo, ele pegou a régua e me bateu com raiva. A régua se quebrou em três pedaços. Minha mão ficou inchada e doendo muito. Eu não respondi nem revelei o incidente a ninguém. Amarrei a mão com uma bandagem improvisada com um pano molhado. No dia seguinte o filho de Seshama Raju morreu. Ele mandou um telegrama para Pedda Venkama Raju¹¹, que veio correndo visitar o filho, saindo de Puttaparthi até Bukkapatnam e, daí, para Kamalapuram. Ele me perguntou, quando chegou, a respeito da bandagem em meu antebraço. Eu tentei explicar de maneira casual, como se nada tivesse acontecido. Disse que era uma dor bem fraca resultante de uma bolha no antebraço e que, por causa dela eu colocara aquela bandagem. Havia uma senhora pertencente à comunidade Vysya¹² na casa ao lado, que costumava ganhar a vida preparando e vendendo *dosas*. Ela tentou argumentar com papai¹³, dizendo: “Convenhamos, Venkama Raju! Você está suficientemente bem de vida para oferecer educação a Raju em sua própria vila. Porque deveria submetê-lo a tantos problemas, mantendo-o sob a guarda do irmão mais velho neste lugar distante? Você não tem idéia do sofrimento pelo qual passa o pobre garoto. Ele é obrigado a pegar água diariamente, em um lugar distante, carregando dois grandes jarros com a ajuda de uma vara, sobre seus jovens ombros.” Assim, ela contou vários incidentes pelos quais passei, envolvendo esforços físicos e sofrimentos. Papai ficou muito comovido ao ouvir sobre meu infortúnio e imediatamente me chamou, dizendo: “Querido filho! Prepare-se imediatamente para partir comigo. Vamos voltar para Puttaparthi.” Todos os membros da família me amavam. Ele disse, num lamento: “Soube que o machucado em seu braço foi por causa de uma pancada que seu irmão lhe deu. Eu próprio jamais bati em você até hoje. Você está passando por muitas dificuldades aqui. Venha! Vamos voltar para Puttaparthi.” No momento em que esse incidente aconteceu, papai fez um comentário que ainda ressoa em meus ouvidos até hoje: “Sathya! Se alguém está vivo, pode ganhar seu sustento até vendendo sal. Eu não posso mais impor a você esses sacrifícios. Será que não consigo prover seu sustento mesmo com meu magro salário?” Ele chorava enquanto falava assim. Dali em diante, ele não me mandou ficar com mais ninguém. Minha educação formal parou na escola secundária. Não fui à universidade. Apesar disto, continuo com Minha Missão como Mestre da Verdade, tendo transformado Puttaparthi em meu quartel general.

¹¹ Pai de Swami.

¹² Casta dos banqueiros e negociantes, também conhecida como *Vaisha* (deve ser esta a pronúncia correta).

¹³ Baba usou a expressão “Griham Abbayi” (algo como: “Paizinho do Lar”) para se referir a seu pai. Pelo contexto, parece um termo carinhoso, de modo que foi traduzido como “papai”. Do mesmo modo, Ele às vezes se refere a Eswaramma como “Griham Ammayi”.

Eu compus um belo poema para louvar a gloriosa história de Puttaparthi, que é o seguinte:

*Em volta de qual cidade corre o sagrado rio Chitravathi em toda a sua pura beleza?
Em torno de qual cidade existem pomares de mangueiras que simbolizam boa sorte?
Qual é a cidade cujos quatro cantos são guardados pelas deidades Parvati e Parameswara,
constantemente protetores?*

*Firmemente instalado em meio a essa cidade está o luminoso Senhor Vishnu em todo o Seu esplendor.
Essa cidade mundialmente famosa é Puttaparthi ou Puttapuram,
com seu reservatório de água potável construído por Chikkavadiyar,
um eterno monumento à glória de Bukkaraya¹⁴.*

(Poema em Télugo)

Eu construí uma colônia residencial em memória ao grande amor e devoção que Subbamma sentia por mim e a denominei Karanam Subbamma Nagar. Ela fica próxima a Gokulam¹⁵. Também comprei algumas vacas e empreguei algumas pessoas para tomar conta delas. Algumas dessas pessoas foram acomodadas em casas existentes na colônia. Deste modo, cuidei para que o nome de Subbamma fosse para sempre lembrado pelos devotos.

Alguns anos atrás, iniciei um projeto denominado “Deena janod dharana Pathakam¹⁶” para adoção de crianças órfãs, fornecendo-lhes alimento, roupas e educação a fim de que pudessem se desenvolver e levar uma vida honrada e digna. Estou cuidando desses meninos com todo amor e carinho. Vocês devem tê-los visto quando vêm para o *Darshan* todas as quintas e domingos. Eu também construí acomodações para eles, a fim de que vivam em casas confortáveis. Além de sua educação normal, eles também estão adquirindo proficiência em atividades extra curriculares. Portanto, há muitos serviços que venho realizando desde minha infância. Se todos eles fossem ser descritos agora, poderíamos falar por horas a fio.

Queridos Estudantes!

Eu tenho um grande amor por vocês. Desejo que todos tenham sucesso em suas vidas e conquistem boa reputação. Eu amo aqueles que conquistam um bom nome. De fato, eu ofereço a Mim mesmo a todos esses meninos. Eu lhes darei tudo aquilo que quiserem.

Traduzido a partir do original em inglês extraído da página da Organização Sai da Índia:
<http://www.srisathyasai.org.in>

Niterói, RJ, 18 de março de 2005

¹⁴ Baba pode estar se referindo a um rei do Sul da Índia, da região de Karnataka que viveu em 1638 DC e que promoveu a convivência religiosa harmônica entre Hindus Vaishnavas (aqui conhecidos como “Hare Krishna”) e os Jainistas.

¹⁵ Baba certamente se refere à fazenda modelo que fica às margens da estrada principal de Puttaparthi, próxima ao Ashram de Prasanthi Nilayam.

¹⁶ A expressão significa algo como: “Projeto de Assistência ao Menor Carente.”